



PITA, Luiz Fernando Dias; COLLING, Ivan Eidt. *La infana raso*: uma épica sem heróis e sem território. *Revista Épicas*. N. 19 – jun 26, p. 26-50.
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2026.v19.2650>

LA INFANA RASO: UMA ÉPICA SEM HERÓIS E SEM TERRITÓRIO

LA INFANA RASO: UNA ÉPICA SIN HÉROES Y SIN TERRITORIO

Luiz Fernando Dias Pita (UERJ)¹

Ivan Eidt Colling (UFPR)²

RESUMO: À literatura produzida em esperanto coube sempre o desafio de provar não apenas a viabilidade de produção artística e cultural em uma língua planejada, mas também que tal produção pode ter qualidade equiparável à das produções em línguas nacionais, mesmo sem estar ligada a nenhuma etnia ou território. Tal viabilidade foi demonstrada ao longo das primeiras décadas de existência da língua e da comunidade esperantista, paralelamente à exploração das possibilidades expressivas do idioma; contudo, foram interrompidas durante os anos da Segunda Guerra Mundial, em razão das perseguições que dita comunidade sofreu. A retomada da produção literária em esperanto ocorrerá em 1952, empreendida por uma nova geração de poetas, que, buscando colocar suas obras no mesmo patamar estético das demais literaturas, lidam ainda com os traumas da guerra e com os novos questionamentos morais daí advindos. Nesse contexto, surge *La Infana Raso*, do escocês William Auld, na qual, pelo recurso ao gênero épico, procura-se alcançar os três objetivos. Para tanto, porém, esse gênero se torna o porta-voz de uma postura universalista que, cremos, jamais terá sido alcançada.

Palavras-chave: Literatura em esperanto. Gênero épico. Modernidade literária.

RESUMEN: La literatura en esperanto siempre se ha enfrentado al reto de demostrar no solo la viabilidad de la producción artística y cultural en una lengua planificada, sino también que dicha producción podía tener una calidad similar a la de las producciones en lenguas nacionales, aun sin estar vinculada a ninguna etnia o territorio. Esta viabilidad se demostró durante las primeras décadas de existencia de la lengua y la comunidad esperantistas, paralelamente a la exploración de las posibilidades expresivas del idioma; sin embargo, se interrumpió durante los años de la Segunda Guerra Mundial, debido a las persecuciones que sufrió esta comunidad. La reanudación de la producción literaria en esperanto tuvo lugar en 1952, impulsada por una nueva generación de poetas que, buscando también situar sus obras al mismo nivel estético que otras literaturas, abordaron los traumas de la guerra y las nuevas cuestiones morales

¹ Doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2010. Professor Adjunto de Língua Latina na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro da Academia Brasileira de Filologia e da Akademio de Esperanto. E-mail para contato: magisterpita@gmail.com.

² Bacharel e Licenciado em Letras-Polonês e Licenciado em Letras-Francês (UFPR), 2015, 2017, 2023, bacharel em Engenharia Elétrica (UFSM) e em Física (UFPR), 1992, 2008 com Doutorado em Engenharia Elétrica (UFSC), 2000. Professor Adjunto no Dep. de Polonês, Alemão e Letras Clássicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e membro do Grupo de Pesquisas “Filosofia, Ciência e Tecnologias” (IFPR). E-mail para contato: ivanchjo@ufpr.br.

derivadas de ella. En este contexto, surge *La Infana Raso*, del escocés William Auld, en la que, mediante el uso del género épico, se pretenden alcanzar los tres objetivos. Sin embargo, con ese fin, este género se convierte en la voz de una postura universalista que, creemos, nunca se habrá alcanzado.

Palabras clave: Literatura en esperanto. Género épico. Modernidad literaria.

Introdução

Propor como tema de análise uma obra literária como *La infana raso* é uma tarefa que, por si mesma, implica uma abordagem concomitante de assuntos que, à primeira vista, podem parecer completamente desconectados do panorama histórico e do universo cultural no qual dita obra nasceu. Todavia, esses mesmos assuntos se configuram como antecedentes diretos e necessários para que houvesse, na cultura europeia, a consciência de um vazio e da necessidade de preenchê-lo, sem que isso significasse uma ruptura total com as tradições sobre as quais tal cultura se assentava. Este vazio ao qual nos referimos é aquele causado pelo desaparecimento do latim como veículo de transmissão e produção de cultura na Europa moderna e contemporânea, de tal maneira que explicar-se tal desaparecimento será nosso vetor inicial.

Começaremos, portanto, reafirmando algo que, embora presumivelmente conhecido de todos, é um ponto de partida incontornável: não se pode compreender a trajetória cultural do Ocidente sem conceder-se ao latim o papel principal nas tarefas de preservação, reprodução, transmissão e produção de conhecimento durante todo o período histórico que vai da ascensão da República Romana, por volta do século 3 AEC, até o fim da Idade Moderna, com a Revolução Francesa.

Inicialmente língua da administração romana nos territórios conquistados, foi graças às migrações de populações já latinizadas que o latim acabou por se tornar mais que um substrato linguístico, posto que, ao longo de alguns séculos, erradicaria a maioria das línguas do Ocidente. Após a divisão do Império Romano (395 EC), o latim se afirmaria como único veículo de transmissão de conhecimento possível, uma vez que assumiu a condição de língua geral da Igreja Católica. E como, durante todo o período que transcorre entre a queda do Império do Ocidente (476 EC), até o Renascimento Carolíngio (iniciado no ano 800), todo o conhecimento preservado da Antiguidade estava confinado aos mosteiros medievais, o latim viveria uma situação paradoxal: ser a língua que integrava uma coletividade (a cristã ocidental), no momento em que as unidades políticas que lhe deram origem (as Romas Republicana e Imperial) já não mais existiam.

Assim, e ao longo de toda a Idade Média, a trajetória dos diversos momentos de retomada de uma produção cultural europeia se dá primordialmente nos círculos eclesiásticos e através do latim, de modo que podemos afirmar que, nesse momento da história europeia, saber ler e escrever significa *saber latim*, posto que toda a produção de conhecimento de então se operava nessa língua.

No entanto, a partir do século 9 começam a surgir os processos de aglutinação política que levariam, já no século 15, à formação dos Estados nacionais e à consequente elevação das línguas vulgares – aquelas faladas pelo povo – à condição de línguas *da corte*. Tais processos se caracterizariam tão somente pela centralização do poder real sobre a nobreza local e pelo domínio efetivo – ou seja, político e econômico – de

um território; mas também pela construção de uma unidade religiosa³ e cultural, que passava pela promoção da língua da corte. Mesmo que essas ainda carecessem de unidade e de prestígios suficientes para que fossem adotadas como línguas oficiais⁴, o desenvolvimento dos diferentes Estados nacionais sempre passou pela elevação de uma língua à condição de “língua do rei”, que justamente por isso era favorecida na vida cultural das novas nações, relegando os demais idiomas dentro de um território a uma condição de subalternidade que, em alguns casos, ainda hoje se mantém⁵.

Percebe-se que, até esse momento, a formação dos Estados nacionais ainda não comprometera a condição do latim, que se mantinha como língua da escola e da Igreja. Apenas em fins do século 15 tem lugar um somatório de eventos que darão início à decadência do latim como veículo de unidade cultural: o primeiro deles é o estabelecimento da burguesia como classe social, ocorrido nos últimos séculos da Idade Média, e sua ascensão à condição de classe dominante, ao final da Idade Moderna (1789).

A ascensão da burguesia modifica completamente os fundamentos e objetivos da educação, deslocando paulatinamente a visão humanista e o pensamento escolástico, substituindo-os por conhecimentos que não mais visavam exclusivamente à formação do indivíduo como membro de uma elite cultural, mas à forma(ta)ção, tão rápida quanto possível, de um profissional útil para as diversas atividades econômicas de onde provinham os membros da classe burguesa. Impunha-se fazer com que o capital cultural servisse à cultura do capital. A formação desse profissional não poderia, obviamente, ocorrer com a rapidez exigida se o estudante tivesse de, primeiramente, aprender latim, para só então ter acesso ao conhecimento profissional. E tal sensação de premência que seria ainda mais agravada após o desenvolvimento da imprensa por Gutenberg, por volta de 1450.

O segundo evento será a Reforma Protestante, ocorrida a partir de 1517: vinculada à ascensão da burguesia, propugnava uma relação direta do homem com Deus, e, para tanto, questionava não só a exclusividade do latim como língua de culto, mas também como língua de transmissão de conhecimento. Assim, não é gratuito que uma das primeiras tarefas realizadas por Martinho Lutero tenha sido a de traduzir a Bíblia para o alemão saxônio. Como consequência direta disso, por força das igrejas reformadas predominantes em cada região, o latim aos poucos deixa de ser a *única* “língua culta” da Europa. No entanto, mesmo que deixasse de ser a língua geral da Cristandade, o latim continuou a gozar de posição privilegiada no circuito universitário, que também se ampliava, em parte pelo sucesso do modelo desenvolvido pelos jesuítas, como bem atesta Françoise Waquet (1998):

³ Podemos tomar como exemplo, nos territórios vinculados à Igreja Católica Romana, além das diversas perseguições aos judeus, a brutal repressão às dissensões religiosas dentro do Catolicismo, como cátaros e albigenses, assim como a vigilância constante do Santo Ofício.

⁴ O que não significa que já não houvesse tentativas: bastam como exemplo, no campo político-diplomático, a ordem do rei de Castela D. Alfonso X (1221-84) – cognominado “o Sábio” – determinando que, para dificultar-se toda espionagem, toda a correspondência oficial de seu reino se fizesse em sua língua local, à qual chamou de “castelhano”. Outro exemplo provém do campo artístico: as cantigas medievais recolhidas e/ou compostas pelo rei português D. Dinis I (1261-1325), neto do anterior.

⁵ São exemplos disso o mirandês, em Portugal; o aragonês e o andaluz na Espanha; o occitano na França; o suábio na Alemanha, etc.

Catholiques ou protestants, les écoliers des XVI^e et XVII^e siècles firent, partout en Europe, du latin. Encore furent-ils rejoints par de petits orthodoxes. Dans la Russie de Pierre le Grand, des écoles imitées des collèges jésuites furent créés, telle celle de Kiev qui offrait un cursus classique; c'est sur ce modèle que l'académie de Moscou fut réformée au début du XVIII^e siècle et que furent établies les écoles de Chernigov en Ukraine, de Rostov ou de Novgorod; de sorte qu'en 1750, il y avait dans l'empire russe vingt-six collèges offrant une éducation fondée sur un curriculum latin. (Waquet, 1998, p. 34)

Dessa forma, cabe a pergunta: se o fortalecimento dos estados nacionais e a Reforma protestante, conquanto afetassem sua importância, não haviam sido suficientes para a derrocada do latim, qual fator teria sido decisivo para isso? A resposta, cremos, repousa na chamada *Revolução Científica*, ocorrida entre fins do século 16 e princípios do 18.

Período caracterizado por extraordinários avanços nas ciências em geral, a *Revolução Científica* significou, para o latim, a necessidade de dar conta de novos conceitos, objetos, ideias e experiências, para as quais seu sistema linguístico não poderia oferecer respostas rápidas⁶. Evidenciar tal impossibilidade demonstrava que o latim havia exaurido sua capacidade de reproduzir linguisticamente uma realidade em acelerada mutação, e, embora tal problema já estivesse sendo paulatinamente percebido por diversos intelectuais dos séculos 16 e 17 – como Luis Vives e René Descartes, que, mesmo escrevendo em latim, já haviam detectado a necessidade de sua substituição como principal veículo do conhecimento na Europa – foi apenas no século 18 que sobreveio a conscientização geral quanto àquele “vazio” a que nos referíamos no início deste texto; pois, como sintetizado por Aleksandr Duličenko (2006):

...ekde la 18-a jarcento malfortiĝis la internacia pozicio de la latina kiel lingvo de scienco kaj kulturo. Tiutempe pro la intensa evoluo de la burĝaj rilatoj, pro kreskado de urboj kaj industriaj centroj, pro demokratiigo de edukado ktp., la fremda lingvo latina fariĝis bremsilo (...). La lingvo de Cicerono evidente ne povis esprimi novajn nociojn. Ĝia peza strukturo ne kapablis respeguli la procezojn, kiuj okazis en socio, scienco kaj kulturo. (Duličenko, 2006, p. 130-31)⁷

Quanto à necessidade de preenchê-lo, a questão é que, naquele momento histórico, não havia substituto possível, como bem alertado por Comenius em sua obra *Via Lucis* (1642): “Consentimus, ut lingūam unam communem mundo necessariam existimemus: *atque si aliā desit*, latinam potius, quam ullam reliquarum, eum in usum destinandam.” (Comenius, *Via Lucis*, XIX, 9; grifo nosso)⁸. O *atque si aliā desit* (e caso não exista, em tradução livre), já deixa em aberto a perspectiva de que tal língua possa ser escolhida, ou ainda, elaborada.

⁶ Tal processo já ocorria desde o início da expansão mareuropeia, porém em baixa velocidade, o que tornava possível a “aclimação” de neologismos – em geral empréstimos estrangeiros – à língua. Agora, exigia-se que o latim fosse capaz de criar novos signos para novos conceitos.

⁷ “A partir do século 18 a posição internacional do latim como língua de ciência e cultura ficaria debilitada. Nesse momento, graças à intensa evolução das relações burguesas, ao crescimento das cidades e centros industriais, à democratização da educação, etc., a língua latina, estrangeira, tornou-se um freio (...) A língua de Cícero não podia, evidentemente, expressar novas noções. Sua pesada estrutura não era capaz de espelhar os processos que ocorriam na sociedade, na ciência e na cultura”. Obs.: Todas as traduções, salvo indicação em contrário, foram feitas pelos autores.

⁸ “Pensamos que uma língua única e comum seja uma necessidade para o mundo, e, se não houver alguma, que o mais conveniente seria eleger, à frente de qualquer outra, o latim para essa função”.

Perceba-se, pois, que a derrocada do latim não foi devida a fatores externos – conquanto estes tenham tido grande importância – mas causada por sua própria dificuldade de responder, em tempo hábil, às mudanças nos paradigmas de conhecimento que então se produziam. Impunha-se a escolha de uma nova língua que pudesse exercer o papel que até aí havia sido seu; mas nesse momento entram em cena novos elementos complicadores: a) a existência de Estados nacionais fortes fizera com que estes se empenhassem na divulgação e imposição de seus próprios idiomas; esboçando aquilo que hoje chamamos de *imperialismo linguístico*, o que na prática impossibilitava a elevação pacífica de qualquer um desses idiomas à condição de *lingua franca*; b) qualquer dos idiomas nacionais em uso na Europa apresentavam as mesmas dificuldades, e até uma maior imprecisão, que o latim; c) o aprendizado destes idiomas, ainda que mais rápido que o do latim, ainda era demorado.

Tais fatores, em conjunto, são suficientes para evidenciar que a livre aceitação de qualquer um dos idiomas nacionais então usados na Europa sofresse sumária rejeição por parte dos agentes geopolíticos presentes. Nestes termos, a única conclusão a que se podia chegar era o desenvolvimento, a elaboração e proposição de uma nova língua, que tivesse, no mínimo, a mesma precisão do latim, que não representasse nenhum dos muitos poderes políticos em disputa, e cujo aprendizado fosse o mais simples e rápido possível. O primeiro a formular a questão nestes termos foi, novamente, Comenius, a quem nos cabe retornar:

Nec forsan erit, qui scrupulum mouëat, utrum fingere nouam linguam liceat? Si cui entretanto cogitatio illa oboriatur; respondebo, "licere". Si autem particularia nomina rebus imponere Adamo, Philosophis, Opificibus, aliis quibuscunque, licitum hucusque fuit: quidni et uerba, et particulas, et reliqua ad integrum sermonem spectantia? Atque si casu enatae tot linguae, confusio et mera: cur non consilio et ratione, refusioneque eleganti, et artificiosa, uel una?" (Comenius, *Via Lucis*, XIX, 18)⁹

Vale mencionar que o próprio Comenius esboçaria um projeto de língua, a *panglottia*, mas não chegou a concluí-lo.

Isso já nos mostra que a busca por uma nova língua, capaz de substituir e superar o latim, constitui um capítulo à parte na história da Linguística e também da Filosofia, considerando-se que nela participaram, além dos já mencionados Luis Vives, René Descartes e Comenius, também Francis Bacon, Athanasius Kircher, John Wilkins, Gottfried Leibniz, entre outros. Tais projetos, invariavelmente, visavam à elaboração de uma língua *perfeita*, no sentido de espelhar com total fidelidade a conceituação filosófica atribuída a cada palavra; o que demandava uma complexidade tal que, mesmo quando concluídos, tais projetos sequer saíam do papel.

Em paralelo, assiste-se, ao longo dos séculos 18 e inícios do 19, à Revolução Industrial e, em sua decorrência, a uma ampliação sem paralelo do comércio internacional, ao surgimento de novos e mais rápidos meios de transporte, como o trem, de comunicação, como o telégrafo e telefone, etc. Há, portanto,

⁹ “E talvez ninguém duvide que é possível criar-se uma nova língua. Se, no entanto, nascer em alguém tal pensamento, eu respondo que sim, é possível. Pois se até agora foi possível para Adão, para os filósofos, os profissionais e para qualquer homem dar nomes especiais a objetos, por que não seria possível criarem-se também as palavras, partículas e demais necessidades pertinentes a isso? E se tantas línguas se criaram por acaso, unicamente por se misturarem, por que não se poderia criar uma, através de acordo e prudência, resultando em algo puro e de caráter artístico?”

uma série de eventos que, somados, escancaram a necessidade de uma língua comum que atendesse a necessidades cada dia mais urgentes dos panoramas econômico, científico e cultural, não mais restritos ao Ocidente. Como se percebe, já na segunda metade do século 19, estava pavimentado o caminho para o surgimento de uma língua auxiliar internacional, desde que se demonstrasse que tal língua poderia ser concebida e que de fato funcionasse.

E eis que entra em cena o volapuque, a respeito do qual vale passar a palavra a Umberto Eco:

O Volapük¹⁰ foi talvez o primeiro sistema auxiliar a tornar-se um caso de sucesso internacional. Inventado em 1879 por Johann Martin Schleyer (1831-1912), nas intenções do autor, que era um prelado católico alemão, devia transformar-se em um instrumento para a união e fraternidade dos povos. Logo que se fez público, o projeto se expande no sul da Alemanha e na França, onde é propagandeado por Auguste Kerckhoffs. A partir desse momento se difunde rapidamente pelo mundo inteiro, de modo que, em 1889, se contavam 283 clubes volapükistas, desde a Europa até as Américas e a Austrália, com cursos, diplomas e revistas. (Eco, 2018, p. 347)¹¹

No entanto, apesar de seu rápido sucesso, o volapuque falhava em diversos quesitos no aspecto linguístico, apresentando uma extrema complexidade nos aspectos fonéticos, sintáticos e vocabulares, que, mesmo oriundos das principais línguas europeias, eram tão fortemente alterados que se tornavam irreconhecíveis. Ademais, a própria gramática era de tal forma complexa que seu aprendizado era quase tão demorado quanto o do latim, e inacessível à maioria das pessoas de nível médio. Como bem definido por Paulo Rónai: “O fundador quisera fazer a língua mais perfeita do mundo e orgulhava-se da riqueza do seu sistema gramatical: o verbo em volapuque podia tomar 505.440 formas!” (Rónai, 1970, p. 52).

Se a dificuldade de seu aprendizado efetivo acabaria se tornando a causa da derrocada do volapuque, seu sucesso, ainda que fugaz, faria com que passasse à História como o primeiro projeto de língua auxiliar a sair do papel e provar ao mundo que, sim, era possível compor-se uma língua. E que havia um caminho já aberto para o projeto de língua que soubesse evitar os excessos que causaram sua queda. Esse projeto seria o esperanto.

Esperanto: o *Primeiro Livro*, o surgimento de uma comunidade esperantófona e o consequente desenvolvimento da cultura e da literatura esperantistas

A trajetória inicial do esperanto está indissociavelmente ligada à do oftalmologista Ludwik Lejzer Zamenhof¹² (1857–1917), nascido em Bialistoque, então parte do Império Russo. Crescendo numa cidade onde quatro grupos étnicos, linguísticos e religiosos distintos se digladiavam cotidianamente¹³, desde jovem

¹⁰ Curioso notar que a forma aportuguesada “volapuque” já se encontrava no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, edição de 2009, quando o livro de Eco foi traduzido, em 2018. No entanto, o tradutor preferiu manter a grafia original no nome da língua.

¹¹ Ainda sobre o sucesso do volapuque, vale mencionar Paulo Rónai (1970, p. 51): “Nada mostra melhor a extraordinária expansão do volapuque do que o ter ele encontrado vários apóstolos até neste longínquo Brasil. J.P. de Sousa Pinto adaptou para o português e publicou, em 1888, em Porto Alegre, a *Gramática Resumida* de Schleyer. Na mesma cidade e no mesmo ano, o espírito inquieto de C. von Koseritz lançou *A Língua Universal Volapuque em três lições*. Outro estrangeiro arraigado no Brasil, o sueco Canuto Thormann, abre em São Paulo um curso gratuito de volapuque e compõe uma *Glamat Volapüka*, publicada em 1890”.

¹² É comum também o aportuguesamento Luís Lázaro Zamenhof, e diferentes apresentações em outras línguas.

¹³ Tais grupos eram: poloneses e lituanos, ambos católico-romanos; russos e bielorrussos, católicos ortodoxos; judeus (ortodoxos e liberais) e finalmente alemães luteranos. Como a legislação imperial russa concedia níveis diferentes de cidadania e de acesso a bens

Zamenhof acreditava que a existência de uma língua-ponte que possibilitasse o diálogo direto entre pessoas desses quatro grupos abriria uma via de entendimento para a resolução de tais conflitos.

Tendo começado a elaborar seu próprio projeto no final da adolescência, foi apenas em 1887 que publicou o *Unua Libro de la Lingvo Internacia de D-ro Esperanto*¹⁴, que logo obteve sucesso e, numa inesperada consequência, o pseudônimo usado por Zamenhof acabaria sendo adotado pelos próprios falantes como nome da língua em si. Historiadores do esperanto apresentam diversos motivos para esse rápido desenvolvimento, entre eles o papel humanitário que a língua desde cedo trazia embutido, ademais, não se propondo a ser apenas uma língua auxiliar para a burguesia e para o meio acadêmico, o esperanto logo captaria pessoas das mais diferentes classes sociais e grupos religiosos – tal como seu idealizador havia imaginado¹⁵.

1.1 Os primeiros passos da literatura em esperanto

Porém, analisado sob o ponto de vista estritamente linguístico, o sucesso do esperanto deveu-se inicialmente a ter evitado, desde o princípio, os problemas presentes no volapuke, pois Zamenhof foi numa direção diametralmente oposta à de Schleyer, apostando na regularidade e simplicidade. Deste modo, a gramática do esperanto caracteriza-se por grande regularidade em qualquer dos aspectos da linguagem: fonética clara, ortografia regular, gramática reduzida ao indispensável, e, importante notar, um vocabulário oriundo das principais línguas europeias¹⁶: isso faz com que seu vocabulário seja, em média, 65% latino, 25% germânico e 10% de outras origens; tornando-o — ao contrário do volapuke — facilmente dedutível para a maioria da população com um nível educacional médio.

Se tais fatores resolveram a questão da praticidade e facilidade no aprendizado da língua, sua rápida divulgação e a realização de encontros regionais provavam seu funcionamento prático. Contudo, outro fator logo se destacaria: à diferença de Schleyer, que não estimulava qualquer produção literária em volapuke, já no *Unua Libro* Zamenhof havia inserido um pequeno poema, intitulado *Ho, mia kor'!*¹⁷, demonstrando que a língua não estava fechada a voos literários, muito embora estes, claro, dependessem, muito mais que do conhecimento do novo idioma, da verve e talentos pessoais de cada autor.

E a veia literária dos esperantistas não demoraria a se manifestar: inicialmente pela versão ao esperanto de trechos de obras das mais diferentes literaturas da Europa, principalmente oriental, que eram publicadas nos primeiros jornais e revistas produzidos na nova língua. Tal prática, além de ampliar o vocabulário do idioma, atuava como campo de testes de suas possibilidades linguísticas, que se desenvolviam em acelerado compasso.

e serviços sociais a cada grupo, além de determinar as profissões acessíveis a cada um deles, o conflito social era uma constante, retroalimentando os conflitos étnico-religiosos.

¹⁴ “Primeiro livro da Língua Internacional do Dr. Esperanto”.

¹⁵ Note-se que muitas associações para a divulgação do volapuke passariam a dedicar-se à divulgação do esperanto.

¹⁶ Essa proporção é também uma demonstração da vitalidade do latim, posto que sua proporção no esperanto não está distante da que se apresenta em línguas neolatinas, como o romeno e o francês.

¹⁷ “Oh, meu coração!”

Paralelamente, mas em menor grau, havia também a produção de textos inéditos, nos mais diversos gêneros, mas principalmente em poesia. Conjugados, esses fatores concederam funções inusitadas à produção literária em esperanto. Quando a comparamos às literaturas “nacionais”, vemos, como bem sintetizado por Vilmos Benczik, que

Ĝi servas eĉ nun la evoluigon de la lingvo, samtempe servante ankaŭ kiel lingvoekzerca materialo. Ne malmulte ĝi servas ankaŭ kiel edukilo de la Esperanto-movado: internaciismo, kontraŭmilitismo, socia justeco ktp. En diversaj epokoj de la evoluo de la Esperanta literaturo ĉiuj tiuj funkcioj ekzistis, sed havis kompreneble pli aŭ malpli emfazitan rolon. (Benczik, 1980, p. 07)¹⁸

No tocante à literatura dessa primeira fase, esse papel era não só onipresente, mas também onipotente, e não deixava de ter consequências, das quais a mais importante era a preocupação com a qualidade literária das obras originais, sempre posta de lado diante de questões como a escolha – muitas vezes introdução – do vocabulário mais adequado; da correção gramatical; e do possível valor pedagógico das obras em si. De qualquer forma, mesmo com resultados que se podem, com justiça ou condescendência, considerar medianos, a produção literária original despontava rapidamente, e, graças a isso, já em 1894 seria publicada a antologia *La liro de la esperantistoj*, na qual se reúnem diversos dos poemas – em geral sonetos, quadras e demais peças de curta extensão – produzidos até aquele momento. No mesmo ano ocorre também a publicação da versão integral de *Hamlet*, que inicia uma prática de se verter para o esperanto obras clássicas da literatura universal.

Conquanto os poemas originalmente escritos em esperanto soem, na maioria das vezes, simples, pueris e ingênuos – o que não deixa de ser coerente com o fato de que a língua tem apenas sete anos de existência – *La liro de la esperantistoj*¹⁹ prova que, mais do que ser apenas um meio de comunicação de mensagens práticas, voltadas para o comércio e para as ciências, como até então se havia esperado de uma língua “auxiliar”, o esperanto podia ser, também, instrumento para a manifestação artística, ainda que o número de seus falantes fosse ainda bastante reduzido, e concentrado nas regiões de fronteira entre os impérios alemão, russo e austro-húngaro.

Esse número, porém, terá um grande salto com a criação, em 1898, da *Société française pour la propagation de l'espéranto*, que efetua um trabalho consistente de divulgação da língua entre a classe média urbana e entre os círculos culturais da França e, dada sua condição de potência cultural, para todo o Ocidente²⁰. Inicia-se um certo frenesi em torno à língua, delineando-se um círculo virtuoso que levará, em 1905, à realização do primeiro Congresso Mundial de Esperanto em Boulogne-sur-Mer, França, o qual marca uma transição na produção literária esperantista, posto que, durante o congresso:

os autores se conhecem entre si, e porque os encontros internacionais lhes proporcionam espaço para divulgarem suas obras. Isso, acrescido do lançamento dos dois primeiros romances em esperanto – *Kastelo de Prelongo* (1907) e *Ĉu li?* (1908), ambos de Henri Valienne –, simboliza uma

¹⁸ Ela até hoje serve à *evolução da língua*, e ao mesmo tempo serve também como *material de aprendizagem*. Ela funciona ainda, e não é pouco, como meio de formação do movimento esperantista: internacionalismo, pacifismo, justiça social, etc. Em diversas épocas da evolução da literatura em esperanto todas estas funções existiram, mas evidentemente tiveram seu papel mais ou menos enfatizado.

¹⁹ “A lira dos esperantistas”.

²⁰ É principalmente através das obras *em* e *sobre* o esperanto publicadas na França que o esperanto chegou ao público brasileiro.

discreta, mas verdadeira, guinada rumo a uma produção mais amadurecida. (Pita, Fians; 2017, p. 124.)

Diz Antonio Candido que “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação” (2017, p. 176). Não poderia ser diferente com a língua planejada esperanto, que propiciou a formação e propicia o desenvolvimento de uma comunidade internacional que, sendo aterritorial, não étnica e de ingresso voluntário (Wood *apud* Koutny 2015, p. 44), constitui-se em um grupo humano que compartilha a mesma língua, a qual funciona como meio de manifestação de sentimentos, também pela via da expressão literária desse grupo. É ilustrativo destacar que, nos primeiros anos de existência da língua, alguns esperantistas advogavam pela restrição do esperanto a relações comerciais e à comunicação científica. A resposta a esse grupo veio em 1912 pela pena de Edmond Privat (1889–1962):

Kiel naskiĝas literaturo. Ĝi estas necesa kaj neevitebla.
[...]
Kiel estus eble, ke lingvo vivu sen literaturo? Al vivanta lingvo ĝi estas ja necesa kiel la koro al vivanta homo. Literaturo estas por ĉiu lingvo la beliga centro, en kiun alfluas la sango por puriĝi kaj poste refluvi en ĉiujn partojn de l' vivanta korpo.
[...]
Kiel oni povas malpermesi, ke ni, Esperantistoj, ŝatu kanti kune laŭ vortoj amataj? Ja ĉio ĉi estas literaturo, kaj ĉio ĉi okazas en plej natura maniero. (Privat, 1960)²¹.

Além de consolidar a língua em seus aspectos formais, a existência de uma literatura produzida originariamente em esperanto, no entanto, acaba por, inadvertidamente, ser um elemento de contestação de um dos pilares sobre os quais as modernas literaturas nacionais haviam se erigido, uma vez que dispensava qualquer associação direta a uma nação, Estado e territórios determinados²². E apesar de a cultura europeia exercer aí um papel de substrato, em muitos casos sequer se podia vincular a produção de um texto a uma coordenada geográfica específica: a cultura esperantista, mesmo em estágio embrionário, não se vinculava – nem podia fazê-lo – a nenhuma etnia ou território, e, menos ainda, a um Estado nacional.

Com isso, desde seus primórdios a literatura em esperanto traz em seu DNA um gene subversivo que, ainda que não tenha apresentado gravidade quando aplicado aos gêneros lírico e dramático, e mesmo às diversas produções em prosa; pode(ria) ser uma barreira para o desenvolvimento do gênero épico, uma vez que este encontra-se estreitamente vinculado a conceitos como povo, etnia, nação, Estado, religião, etc., os

²¹ Como nasce a literatura. Ela é necessária e inevitável.

[...]

Como seria possível que uma língua vivesse sem literatura? A uma língua viva ela é tão necessária como o coração a um homem vivo. A literatura é para cada língua o centro embelezador para o qual flui o sangue para se purificar e depois refluir a todas as partes do corpo vivo.

[...]

Como se pode proibir que nós, esperantistas, gostemos de cantar juntos ao sabor das palavras amadas?

Pois bem, tudo isso é literatura, e tudo acontece da maneira mais natural.

²² Nesse ponto, vale notar, a produção literária em esperanto ocupa um espaço semelhante ao que a literatura latina produzida durante as Idades Média e Moderna havia exercido.

quais o esperanto *não* representava. Isto, contudo, não significa que o gênero épico esteja ausente na literatura esperantista: o próprio Henri Valienne, supra-citado, já havia publicado em 1906 a tradução integral da *Eneida*. Desde então, diversas outras epopeias nacionais foram editadas em esperanto, como a *Odisseia*, *Martín Fierro*, *Os Lusíadas* e *Kalevala*²³.

Porém, toda a trajetória da produção literária em esperanto seria drasticamente alterada nos anos seguintes, como resultado da Primeira Guerra Mundial (1914–1918).

1.2 A literatura esperantista no período entreguerras: a *Budapeŝta Skolo*

A selvageria, a mortandade e as diversas consequências da Primeira Guerra Mundial trouxeram ao panorama cultural uma enorme desilusão quanto às possibilidades de evolução pacífica do homem, e também quanto à ideia de que o progresso científico e tecnológico levaria o mundo a uma era de paz e prosperidade. No tocante ao movimento esperantista internacional, a guerra agiu como um primeiro divisor de águas, causando a paralisação de todas as suas atividades na Europa.

Ao término do conflito, constatou-se que o movimento como um todo havia retrocedido drasticamente, tanto em números absolutos, quanto em sua produção cultural, já que diversos dos principais autores do período anterior não estariam mais presentes, por haverem morrido, *no front* ou por idade, ou porque, motivados pela desilusão mencionada, haviam abandonado o esperanto e seus ideais humanitários.

Assim, a partir dos anos 1920, o movimento esperantista teve de ser reconstruído sob novas bases. No plano da produção cultural, percebemos que a literatura produzida após a “Grande Guerra” assume características distintas das do período anterior: a primeira delas é o fim da “inocência”, de uma esperança segundo a qual o esperanto, por si só, conseguiria unir e aproximar os povos. Os esperantistas de então tomam consciência de que havia outras barreiras nas relações humanas e internacionais: a primeira delas é a barreira socioeconômica. E não é gratuito que, já em 1921, seja criada a *Sennacieca Asocio Tutmonda*²⁴, que visava à união dos trabalhadores esperantistas, para autoinstrução e luta política. Inspirados pela Revolução Russa de 1917 e reunindo anarquistas, sindicalistas, socialistas, social-democratas e comunistas, a SAT romperia drasticamente com a *Universala Esperanto-Asocio*²⁵ (UEA), fundada e sediada em Genebra (1908), e com absoluta neutralidade política defendida por esta última, que havia imperado no período pré-guerra.

No tocante à produção literária, a revista *Literatura Mondo*²⁶, surgida em 1922 e produzida por uma editora homônima, terá o principal papel como elemento aglutinador de toda uma nova geração de autores, que traçarão para si desafios maiores que aqueles a quem sucederam, tais como: a) dar preferência à

²³ Traduzidos respectivamente por W. J. A. Marders (1930), Ernesto Sonnenfeld (1965), Leopoldo Knoedt (1981) e Johan Edvard Leppaköski (1985); a variedade de datas mostra que o gênero sempre esteve presente na literatura traduzida para o esperanto. Nesse quesito, a campeã de versões é *A Divina Comédia*: além da primeira versão, de Kálmán Kalocsay (1933), a obra recebeu versões completas realizadas por Giovanni Peterlongo (1963) e por Enrico Dondi (2006).

²⁴ “Associação Mundial Anacionalista”.

²⁵ “Associação Mundial de Esperanto”.

²⁶ “Mundo Literário”.

produção original, em detrimento da tradução; b) aprofundar a ampliação do léxico da língua, sem no entanto conferir a seu “valor pedagógico” o mesmo peso outorgado pela geração anterior; c) detectar a existência, e/ou buscar a elaboração, de uma estilística do esperanto, deixando de lado a reprodução dos modelos estéticos advindos do país de origem de cada autor em particular. Por fim, d) considerando a existência de uma geração literária anterior, além da sua própria, dar início a uma crítica literária que considerasse as especificidades da produção escritural em esperanto.

Como se vê, o que essa segunda geração busca realizar resume-se a, em todas as frentes possíveis, equiparar a literatura esperantista às mais diversas produções literárias de seu próprio tempo. Ou seja, se a geração anterior provou que era possível fazer-se literatura numa língua planejada²⁷, à nova cabia mostrar que essa literatura poderia alcançar o mesmo patamar de qualidade de qualquer outra.

Tal era um propósito, reconheçamos, bastante ambicioso e audacioso, mas que foi cumprido praticamente em sua totalidade, pelo fato de a revista haver tido, entre seus redatores e colaboradores, os principais nomes da literatura então produzida em esperanto, tais como o francês Gaston Waringhien e os húngaros Julio Baghy e Kálmán Kalocsay, cuja presença, aliada ao fato de a revista ter seu endereço postal em Budapeste, fez com que essa segunda geração fosse alcunhada de *Budapeŝta Skolo*²⁸. Ainda que tal alcunha seja um tanto limitadora – uma vez que cidades como Paris, Moscou, Tóquio e Pequim, entre outras, também apresentavam círculos esperantistas de expressão – ela acaba por ser quase um sinônimo de toda a produção literária do período entreguerras.

Uma produção que, embora pareça bastante homogênea em seu ideário, era na verdade o palco de sérios embates ideológicos e linguísticos, principalmente entre Julio Baghy, defensor de uma língua simples, acessível a todos e tendo por referência primordial os ideais de Zamenhof, e Kálmán Kalocsay, que buscava uma expressão mais sofisticada e erudita, não só capaz de representar com maior precisão as nuances e complexidades de um mundo em rápida mutação, mas também de fazer com que a literatura esperantista pudesse ser, por si mesma, um veículo preferencial para experimentação literária.

A poesia foi, sem dúvida, a maior beneficiada em todo esse momento histórico, pois já trazia do período anterior uma produção mais sólida e um público leitor mais ativo. No entanto, apesar de a prosa ganhar impulso nesse momento, isso se dá pela publicação de autores majoritariamente provindos de outros países, como Suécia (Stellan Engholm), Estônia (Hilda Dresen), União Soviética (Vladimir Varankin e Vassili Eroshenko) e, curiosamente, apenas o húngaro Theodor Schwartz/Tivadar Soros é o “representante local” da *Budapeŝta Skolo*²⁹. Também o teatro ganha expressão no meio esperantista, principalmente em Paris, mas seu impacto no cenário cultural esperantista foi bastante mais reduzido.

²⁷ Preferimos “língua planejada” a outro termo corrente, “língua artificial”, por ter este última conotação depreciativa. O termo “Língua planejada” (*Plansprache*) foi proposto por Eugen Wüster em 1931 (BARANDOVSKÁ-FRANK, 2020, p. 18); para o conceito complementar, empregamos “língua étnica” ou, se for o caso, “língua nacional”.

²⁸ “Escola de Budapeste”.

²⁹ Tivadar Soros (1894–1968) é autor de *Maskerado ĉirkaŭ la morto* (“Disfarçado diante da morte”, 1965), em que narra as perseguições nazistas ocorridas na Hungria. É também pai do financista George Soros.

Contudo, apesar de os esperantistas vivenciarem, neste período histórico, tanto um novo crescimento em seu número de adeptos quanto o estabelecimento de um panorama cultural que, mesmo em baixa intensidade, apresentava um grau de ebulição jamais igualado, trazendo a público discussões e obras que mantinham os ideais esperantistas em plena efervescência, o movimento esperantista, enquanto tal, apresentava uma série de dissensões internas que o fragilizavam, e impediam-no de perceber as ameaças que surgiam em seu horizonte.

Se em 1921 o movimento já havia apresentado sua primeira ruptura interna, com a separação da SAT, gestava-se também outra ruptura, baseada nos modelos organizacionais dos que propunham que a UEA fosse uma federação de organizações esperantistas nacionais, ou dos que a viam sobretudo como um agrupamento de membros individuais³⁰.

Percebe-se que, entre o fim dos anos 1920 e início da década de 30, mesmo se a maior parte da atividade esperantista ainda era coordenada diretamente pela UEA, as ações realizadas pela SAT faziam parecer, para a imensa maioria do público leigo, que o esperanto era um instrumento ideológico dos movimentos de esquerda. Essa ação era corroborada pelo já mencionado fato de a UEA defender uma total e absoluta neutralidade no tocante a questões políticas e sociais.

Esse posicionamento era inclusive mitigado pelo fato de que a ascensão de Mussolini, em 1922, não havia causado grande alteração no cotidiano do movimento esperantista na Itália. Mussolini, de fato, não tinha nenhum apreço pelo esperanto, mas tampouco havia reprimido o movimento em si. Talvez até por isso os esperantistas não tenham percebido a ascensão de Hitler em 1933 como uma real ameaça ao esperanto e à comunidade esperantista, principalmente porque não se acreditava que Hitler fosse de fato implementar tudo o que propunha. Nesse contexto, não devem ter atentado para o que o *Führer* já havia declarado ainda em 1922, num discurso realizado em Munique: “O marxismo tornou-se o chamariz dos trabalhadores, a maçonaria serviu como um decompositor das camadas ‘intelectualizadas’, e o esperanto irá facilitar sua intercompreensão” (Hitler *apud* Lins, 2016, p. 85).

As críticas de Hitler tornaram-se ainda mais evidentes quando da publicação de *Mein Kampf* (1925), no qual foi explícito: “Até o momento em que o judeu se torne o senhor dos outros povos, ele, queira ou não, deve falar suas línguas, mas, quando estes se tornarem seus servos, todos deverão aprender uma língua universal, para que assim se torne mais fácil governá-los (o esperanto!)” (Hitler *apud* Lins, 2016, p. 85).

Com exceção da SAT, o absenteísmo em questões sociopolíticas era levado tão a sério que a UEA realizaria seu Congresso Mundial de 1933 em Colônia, e o de 1935 aconteceria numa Viena às vésperas de ser incorporada à Alemanha, quando a perseguição aos judeus e a todos os movimentos sociais já era

³⁰ Estes últimos acabariam formando, em 1936, a *Internacia Esperanto-Ligo* (“Liga Internacional de Esperanto”), com sede em Harrogate, região próxima a Londres. As duas organizações voltariam a fundir-se em 1947, com o nome de UEA, mas com uma estrutura associativa híbrida.

indisfarçável e, por isso mesmo, indisfarçada³¹. No caso dos esperantistas, havia um diferencial: pelos fatos de o iniciador da língua ter origem judaica, de parcela da comunidade esperantista estar ligada a movimentos de esquerda, e de haver fortes conexões internacionais entre os esperantófonos, o regime nazista não buscou apenas toda a memória de existência da língua, fechando associações, confiscando bibliotecas e prendendo seus membros mais proeminentes; significativo número de esperantistas que habitavam os territórios ocupados e/ou aliados ao Terceiro Reich foi encaminhada para campos de extermínio³². Resumindo, não bastava eliminar o esperanto, mas também os esperantistas.

Todavia, não apenas o Terceiro Reich perseguiu o esperanto: a partir dos anos 30, o uso da língua na União Soviética receberia cada vez menos apoio do Estado. Com o recrudescimento do stalinismo, todo e qualquer contato dos soviéticos com o exterior passou a ser vigiado e impedido. Ainda que tais atitudes não visassem exclusivamente ao esperanto, o movimento teve de retrair-se enormemente, a ponto de considerar-se em estado vegetativo. Há também o fato de que, sob as mais diversas acusações – traição ao partido, revisionismo, trotskismo, etc. – diversos esperantistas foram presos e executados entre os anos de 1937 e 1953.

Como uma história que se repete, mas não necessariamente como farsa, o movimento esperantista deverá, após a Segunda Guerra Mundial, começar um longo e penoso processo de reconstrução, promovido pelos que sobreviveram às perseguições nazistas e às prisões soviéticas. Contudo, essa reconstrução não se deu sem que se abandonasse a linha anterior de pensamento do movimento, adotando uma nova perspectiva segundo a qual sua neutralidade está condicionada ao respeito aos Direitos Humanos fundamentais³³.

Por outro lado, embora interrompida, a produção literária em esperanto terá uma retomada menos penosa do que aquela ocorrida em 1918, pois, graças ao trabalho da *Budapeŝta Skolo* e diversos outros agentes culturais³⁴, já haverá uma linha de continuidade, como bem sintetizado por Minnaja e Silfer: “*La dua mondmilito ne surprizos Esperantion kiel la unua, sed trafos ĝin ege pli malforta el organiza vidpunkto. Sed ne el literatura (kaj lingva): la valoroj peritaj de la juna kulturlingvo subtenos la transvicon de la parolkomunumo kiu ilin kreis.*” (Minnaja, Silfer; 2015, p.106)³⁵

E será essa linha de continuidade que permitirá à literatura esperantista não só recuperar com extraordinária rapidez a importância alcançada no período anterior, mas também realizar voos mais longos.

³¹ Vale dizer que, desde os primórdios do movimento esperantista, sempre houve alguma forma de perseguição à língua, desde a proibição de seu ensino — como feito por Salazar em Portugal — até ser considerado, quando muito, um *hobby* inútil, ou ainda um “frankenstein linguístico”, como muitas vezes dito por pessoas ligadas às áreas de Filologia e da Linguística.

³² Inclusive toda a família de Zamenhof, da qual apenas um neto pôde escapar com vida. Essas prisões e execuções foram executadas, quase sempre com grande violência, por Reinhard Heydrich, que se tornaria conhecido como o “Carniceiro de Praga”.

³³ Segundo Lins (2016, p. 134), tal declaração ocorreu cerca de um ano e meio antes de a Assembleia Geral das Nações Unidas aceitar, em Paris, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (10.12.1948).

³⁴ É a partir de 1937 que livros em e sobre esperanto começaram a ser publicados com regularidade no Brasil.

³⁵ A Segunda Guerra Mundial não surpreenderá o mundo esperantista como a primeira, mas o encontrará muito mais fraco do ponto de vista organizacional. Mas não do ponto de vista literário (e linguístico): os valores transmitidos pela jovem língua garantirão a sobrevivência da comunidade que lhes criou.

1.3 A literatura esperantista do pós-guerra: a *Skota Skolo*

A literatura esperantista produzida após 1945 ocorre em geral naquelas regiões que se mantiveram neutras ou que não foram zonas de combate. Contudo, se novas paragens ganham destaque no mapa literário do esperanto – Suécia, Islândia, África do Sul, Brasil, entre outras –, a prestigiada *Literatura Mondo* deixa de circular em 1949. E se a falta de uma publicação já consolidada se faz sentir, também se percebe que, com a ausência do poder prescritivo – e também proscritivo – que a revista possuía, abre-se espaço para o surgimento de novos nomes, novas estéticas e novas experiências literárias, que se valerão das conquistas realizadas pelos autores mais destacados do período anterior, mas não repetirão suas fórmulas. O tempo do pós-guerra, apesar da Guerra Fria que marcará todo o período, propicia uma impactante renovação literária, que, tal como a anterior, também ficará conhecida por seu epicentro geográfico: a *Skota Skolo*³⁶.

Inicialmente formada por quatro autores nascidos e/ou vivendo na Escócia, o que viria a ser conhecido como *Skota Skolo* surge a partir da publicação de *Kvaropo*³⁷ (1952), coletânea de poemas na qual William Auld, Reto Rossetti, John Islay Francis e John Dinwoodie, ao mesmo tempo em que rendem homenagem à geração anterior – principalmente a Kálmán Kalocsay, visto como seu “pai espiritual” – demarcam claramente a fronteira que lhes separa e também os novos objetivos a que, como coletivo, irão dedicar-se. Entre eles, a busca por novas possibilidades expressivas e pela elaboração, em esperanto, de uma literatura com o mesmo nível qualitativo, não do *mainstream* literário de então, mas das vanguardas poéticas contemporâneas.

Como obra, *Kvaropo* terá grande divulgação nos circuitos culturais esperantistas, alimentando e estimulando o renascimento cultural do movimento esperantista, ajudando a criar uma aura de otimismo com o futuro da língua, nos anos imediatamente anteriores ao centenário do nascimento de Zamenhof³⁸.

Em 1955 surgem, praticamente ao mesmo tempo, duas novas revistas literárias, que disputarão o espaço deixado pela *Literatura Mondo*: a *Nica Literatura Revuo*³⁹, que se apresenta como continuidade da publicação húngara, e também *Norda Prismo*,⁴⁰ editada em Estocolmo, que visará principalmente aos novos talentos que ora surgiam. É neste momento também que William Auld, o mais ativo dos fundadores na *Skota Skolo*, lançará a obra sobre a qual este trabalho versa, e que representará a plena maturação da literatura em esperanto: *La Infana Raso*.

³⁶ “Escola Escocesa”.

³⁷ “Quarteto”.

³⁸ O ápice desse otimismo se dará em 1954, quando a Unesco não apenas emite uma resolução favorável ao esperanto, em sua Conferência Geral em Montevideu, mas também estabelece relações colaborativas e consultivas com a UEA.

³⁹ “Revista Literária de Nice” [ref.: cidade francesa de Nice].

⁴⁰ “Prisma Setentrional”.

William Auld e a “Raça menina” – *La infana raso*

2.1 O autor

William Auld (Londres, Inglaterra, 1924 – Dollar, Clackmannanshire, Escócia, 2006) foi um esperantista escocês, poeta, escritor, tradutor, piloto da RAF, Força Aérea Real Britânica, com atuação na Segunda Guerra Mundial; posteriormente lecionou literatura em uma escola secundária, da qual também foi vice-diretor. Começou seu aprendizado de esperanto em 1937, e dez anos depois se engajou na comunidade esperantista. Atuou como editor de *Esperanto en Skotlando* no período de 1949 a 1955, da revista *Esperanto* (órgão da Associação Mundial de Esperanto, UEA) entre 1955 e 1958 e novamente nos anos de 1961 e 1962, *Monda Kulturo* período: 1962–1963, da já citada *Norda Prismo* (1968–1972), *British Esperantist* (1973–2000) e *Fonto* (1980–1987); foi vice-presidente da UEA (1977–1980) e presidente da *Akademio de Esperanto*, AdE (1979–1983) e presidente da Seção Esperantista do PEN-Clube Internacional (1979–1983). Foi o redator da imponente *Esperanta Antologio: Poemoj 1887–1981*⁴¹. É um dos nomes mais importantes da literatura esperantista, com vastíssima obra, englobando poesia, canções, contos, ensaios, livros didáticos, crítica literária e traduções. Textos seus foram traduzidos para: alemão, escocês, francês, holandês, húngaro, inglês, islandês, italiano, japonês, norueguês, polonês, português, romeno, sueco, turco e vietnamita. (Sutton, 2008, p. 263-278). Uma das grandes marcas de sua trajetória é o poema *La infana raso*, que lhe valeu a primeira indicação ao Prêmio Nobel de Literatura, em 1999.

2.2 *La infana raso*, *A raça menina*, gestada no ímpeto pela continuidade, nascida em solo vulcânico africano

Com o encerramento da *Literatura Mondo*, o Prof. Juan Régulo Pérez (1914–1993), esperantista desde 1932, funda em 1952 uma editora em La Laguna, na Ilha de Tenerife, nas Ilhas Canárias, ilhas de origem vulcânica, comunidade autônoma espanhola na costa africana. Régulo Pérez era professor universitário de História da Língua Espanhola na Universidade de La Laguna, e durante anos havia permanecido encarcerado pela ditadura franquista (Sutton, 2008, p. 262-263); sua editora recebe o sugestivo nome *Stafeto*, “Estafeta”, alusão àquele que sabe ser o momento de fazer sua parte em uma corrida de estafetas. Sua disposição está inscrita no programa da editora, publicado no primeiro livro que ela dá a lume:

*Stafeto transprenas la torĉon de la eksiginta eldonejo Literatura Mondo en peno daŭrigi ĝian altan agadon. Nia beletro atingis fierindan nivelon, sed la faŭko de l' milito forglutis la trezorojn, kaj al ni minacas rompo de nia literatura tradicio. Tio signifus perdi, ne nur la jam atingitajn fruktojn, sed eĉ novajn floradojn de junaj postmilitaj talentoj [...]. Kontraŭ la manko kaj kontraŭ la danĝero elpaŝas ĉi tiu eldon-iniciato.*⁴² (Stafeto apud Minnaja; Silfer, 2015, p. 259.)

Esse primeiro livro é *Kvaropo*, cujo quarteto de autores inclui, como dissemos anteriormente, William

⁴¹ *Esperanto en Skotlando*: “Esperanto na Escócia”; *Monda Kulturo*: “Cultura Mundial”; *Norda Prismo*: “Prisma Setentrional”; *Fonto*: “Fonte”, revista literária esperantista publicada em Chapecó, SC; *Akademio de Esperanto*: “Academia de Esperanto”; *Esperanta Antologio: Poemoj 1887–1981*: “Antologia esperantista: poemas 1887–1981”.

⁴² “A *Stafeto* toma em suas mãos a tocha da extinta editora *Literatura Mondo* no esforço de continuar sua atividade de alto nível. Nossa literatura atingiu um patamar do qual, com razão, nos orgulhamos, mas as fauces da guerra tragaram os tesouros, e estamos sob a ameaça do rompimento de nossa tradição literária. Isso significaria perder, não somente os frutos já alcançados, mas mesmo o desabrochar de jovens talentos pós-guerra [...]. Contra a falta e contra o perigo, toma a frente esta iniciativa editorial.”

Auld, que vê a face de *La infana raso* iluminada pela tocha da *Stafeto* quatro anos depois, em 1956.

A obra tem, ao todo, cinco edições, sendo a quinta do ano de 2009, publicada no Brasil, pelo veterano editor esperantista Gersi Alfredo Bays (1934), da editora Fonto, Chapecó, SC; a mesma editora já havia, em 1992, ofertado ao público o texto bilíngue paralelo, com o brilhante trabalho de tradução ao português por Leopoldo Henrique Knoedt (1920–2000), outro nome de peso da comunidade esperantista brasileira, já reconhecido por suas traduções ao esperanto de *Os lusíadas*, *Vidas secas*, *The Ballad of Reading Gaol*, entre muitas outras. Além de *A raça menina*, em português, conta-se também com traduções para as seguintes línguas: escocês, francês, holandês, inglês, italiano e polonês, e trechos em islandês. Em 2007, a LF-Koop (*Kooperativo de Literatura Foiro*⁴³), em La Chaux-de-Fonds, Suíça, produziu um CD duplo com o próprio Auld declamando *La infana raso* (Auld, 2007). Paul Gubbins incluiu os dois primeiros capítulos do poema, em esperanto e em inglês, em sua antologia *Star in a night sky* (Gubbins, 2012).

2.3 *La infana raso*, *A raça menina*: estrutura e visão panorâmica

La infana raso é um poema em 25 capítulos – o autor assim os nomeia, recusando-se a chamá-los *cantos* ou *rapsódias*, e se apresenta como um mosaico de peças multiformes e variegadas, um vitral multicolorido, um entrelaçamento complexo de ramos, que se reúnem em um tronco cujas raízes se estendem, no dizer de John Francis (2009, p. 9), “ĝis la limo de persona filozofio”⁴⁴. O próprio William Auld afirma tratar-se de uma tese: “*finleginte, la leginto devas havi sumon de impresoj, kiuj rivelas al li la tutajon de mia tezo*”⁴⁵ (Auld, 2009, p. 87).

Da mesma forma que em um mosaico, cada capítulo é completo em si mesmo, e diversos estilos e técnicas são usadas para compô-los. Há poemas rimados clássicos (cap. 2 e 3), jogos de palavras e palavras distorcidas (cap. 4), poemas concretos ou gráficos (cap. 10 e 23), elementos gráficos (cap. 8), justaposição de informações aparentemente desconexas e recolhidas de fontes diversas (cap. 9), traduções (cap. 19). Contemplando-se à distância esse mosaico, cada elemento, cada célula, continua existindo, mas o conjunto ganha um sentido, mais amplo, proveniente da sinergia dos elementos.

2.4 *La infana raso*, *A raça menina*: a ideia central

O tema principal, que dá o título ao poema, é a “infância” da “raça” humana, mostrada já no capítulo de abertura⁴⁶ como uma “raça” una, pois por laços de ancestralidade conhecidos ou, em sua maior parte desconhecidos e mesmo ocultados, vislumbra-se elos, ainda que longínquos, unindo cada pessoa a cada um dos seres humanos que estiveram, estão ou estarão sobre a superfície do planeta. Esses elos independem

⁴³ “Cooperativa da *Literatura Foiro*”, sendo *Literatura Foiro*, “Feira Literária” uma importante revista de literatura e cultura esperantistas publicada desde 1970.

⁴⁴ “Até o limite de uma filosofia pessoal.”

⁴⁵ “Ao concluir a leitura, o leitor deve ter a soma de impressões que lhe revelam a totalidade de minha tese.”

⁴⁶ A menos que haja menção em contrário, foi usado, nesta e nas próximas citações, o texto em esperanto da 5ª edição (AULD, 2009), com adaptação das aspas. A versão em português é a de Leopoldo H. Knoedt (AULD, 1992).

de nacionalidade, pois pode muito bem o bardo escocês ter seus primos poloneses (verso 16), e nos dois lados de um campo de batalha enfrentarem-se pessoas que guardam algum grau de parentesco mas não se conhecem (v. 43). Irrelevantes também são religião ou cor da pele; segundo a teoria da evolução de Darwin, em meio aquático teve início a vida, então descendemos de seres que respiravam por brânquias (v. 72).

I (versos 1, 4-26, 43, 67-72)

*Saluton, masonisto, mia prapatro Ruben,
[...]*

*Kaj vin, ho posteulo de Ruben, kiu velojn
de karavelo hisis kaj sur la mar' piratis
kaj la filinon duan de tavernisto svatis
kaj lasis ŝin graveda kaj malaperis tute
sur marofundon — kara, mi kantas vin salute!
(Kaj ankaŭ vin aparte, ho tavernistfilino,
avino mia praa, al kies mola sino
sin premis tiu filo, kiu en posta vivo
dediĉis sin al rabo, al murdo kaj lascivo,
kaj dek bastardojn patris, el kiuj unu iris
milite al Polujo, kaj tie vaste viris,
al sia semofluo malfermis larĝe kluzojn,
al mi testamentante milope polajn kuzojn!)*
*Al vi, centmil prapatroj ŝvitintaj sub servuto,
de via tre simila pranepo jen saluto;
sed ege vin surprizus, ke li salutas ame
kiel parenco viajn jugintojn tute same.
Al vi ja ŝajnus strange, ke filo de l' kastelo
kaj via bova ido en trua sklavkitelo
per ia sortkaprico egale kontribuas
al tiu sango, kiu en miaj vejnoj fluas.
(Verdire, la surprizo ne estus via sole:
eĉ pli la kastelfilo min gapus senparole!)*

*[...]
doninto de mia sango fluigas mian sangon...*

*[...]
Venu en miajn brakojn frate, nigrulo-plebo:
disigis nin praprae duiĝo de amebo,
kaj vi Jesuo Kristo, el lando brule suna,
vi estas mia frato malgraŭ la haŭto bruna
kiun adeptoj viaj miscele kalkas blanka:
antaŭnelonge nia prapatro estis blanka!*

[...]
(Auld, 2009, p. 13-15.)

I (versos 1, 4-26, 43, 67-72)

Saúdo-te, escultor, meu ascendente Rubens,
[...]

E a ti, ó sucessor de Rubens, que em andejas
piratagens no mar da nau içaste a vela
e a filha do tasqueiro, até então donzela,
emprenhaste e depois sumiste por completo
no mar profundo — a ti saúdo com afeto!
(E a ti em especial, ó filha do tasqueiro,
e minha tetravó, que ao peito criadeiro
levaste o filho que durante toda a vida
foi contumaz ladrão, carnal e homicida,
dez bastardos gerou, dos quais um foi à terra
polaca em luta e lá macheou durante a guerra
abrindo as seminais comportas muitas vezes,
legando-me um milhar de primos poloneses!)

A vós, mil ancestrais, suando em servidão,
eis deste neto bem igual, a saudação
pasmariéis, porém, ouvindo-me saudar
os vossos amos com sorriso familiar.
Pasmariéis ouvir que o filho do castelo
e um vosso neto, só farrapos, amarelo,
por capricho da sorte, entraram bem a meias
para este sangue que percorre minhas veias.
(Não pasmaríeis sós: veríeis, isto é certo,
o filho do castelo, aflito, boquiaberto!)

*[...]
quem meu sangue doou, derrama assim meu
[sangue...*

*[...]
Abraços fraternais, meu negro irmão plebeu:
nos separou a vez que a ameba se fendeu;
e tu, Jesus, da terra ardente, nazarena,
és meu irmão, mau grado a tua cor morena;
que teu rebanho astuto à branca cal deslava:
há pouco nosso avô por brânquias respirava!*

[...]
(Auld, 1992, p. 13, 15, 17.)

Milênios se passaram, mas a estrutura da sociedade permanece a mesma – religião, guerra, Estado, sem que se haja logrado alcançar uma convivência equilibrada e um verdadeiro compartilhamento da convivência no planeta... As chaves de nossa *civilização humana* se encontram já antes do reinado de Sargão I – em outras palavras, geração após geração, repetimos o mesmo desde há, pelo menos, 4.000 anos,

conforme se lê nos 14 versos iniciais do capítulo 9 . Porém, mirando a um futuro muito distante, anima o eu lírico a esperança de que deixe a humanidade de repetir a cada geração esse mesmo padrão e engendre um novo modo, mais harmônico, de coexistência, conforme manifesta no último capítulo do poema.

IX (versos 1-14)

*“...tiel longa kronologia distanco troviĝis
inter Sargono l’Unua kaj Aleksandro la Granda
kiel troviĝas inter Aleksandro la Granda
kaj la nuna epoko, kaj
samtiel longe antaŭ Sargono l’Unua
la homoj loĝadis en urboj
sub rego sumera
praktikante religion
kultivante la teron
sekve:
oni rajtas aserti
ke duono de la civilizodaŭro
kaj la ŝlosiloj al ĉiuj ĝiaj ĉefaj institucioj
estas troveblaj antaŭ Sargono l’Unua”.*

[...]

(Auld, 2009, p. 36.)

IX (versos 1-14)

*“...a distância cronológica existente
entre Sargão Primeiro e Alexandre Magno
é a mesma que existe entre Alexandre Magno
e a época atual, e
o mesmo tanto antes de Sargão Primeiro
os homens habitavam em cidades
sob o governo sumério
praticando a religião
cultivando a terra
portanto:
é lícito afirmar
que metade da duração da civilização
e as chaves a todas as suas instituições principais
podem ser encontradas antes de Sargão Primeiro”.*

[...]

(Auld, 1992, p. 59.)

XXV (versos 36-53)

[...]
*Ho miaj posteuloj! —vi min ne rememoras;
sed jam pro via sorto mia sentemo ploras;
mi pardonpetas mian donacon de l' ekzisto —
mi vin generis blinde ĉar pelis min insisto
de l' celo, kiu ŝpinis teksaĵon de la vivo;
kaj ankaŭ vi demandas: por kio do... aktivo?
(Ho kara mia,
jen povra testamento;
jen mia kredo
espero kaj turmento:
mi kredas pri la
bonvolo de l' homaro,
ke iam pasos
kruelo kaj amaro,
ke iam venos
la regno de l' racio;
sed multaj larmoj
necesos antaŭ tio:)*

(Auld, 2009, p. 83.)

XXV (versos 36-53)

[...]
*Ó meus pósteros! não me guardareis memória;
mas me sensibiliza a vossa sorte e história;
eu te peço perdão, causei tua existência —
eu, cego te gerei; nasceste da insistência
do fim que entrelaçou o fio, tecendo a vida;
também tu quererás saber: por que tal lida?
(Ó meu querido,
é pobre o testamento;
eis o meu credo
esperança e tormento:
eu creio ser
bondosa a humanidade,
que passará
amargor e maldade,
que há de vir
o reino da razão;
mas muito pranto
verá até então:)*

(Auld, 1992, p. 153.)

A humanidade é, pois, uma só, em sua diversidade. Esse sentimento no poema não se embasa em uma transcendência religiosa, mas em argumentos biológicos, probabilísticos, científicos. Essa humanidade continua na infância, como “raça menina”, a repetir os mesmos modelos há milênios, sem um resultado efetivo – viu-se a inoperância da “governança mundial” na primeira metade do século 20, ao não conseguir evitar as duas assim chamadas Guerras Mundiais, vê-se agora, na segunda década do século 21, a fraqueza

da “governança” que se esperaria da Organização das Nações Unidas e de outras organizações na situação catastrófica vivida pelo povo palestino, ou na inação quando o Presidente de uma República na América Latina é simplesmente arrancado de seu posto por uma superpotência, ou mesmo no silêncio quando 168 meninas perdem a vida em um bombardeio a uma escola de uma nação insubmissa. O eu lírico, que, conforme declarado por Auld, expressa a visão filosófica do autor, manifesta sua crença em um futuro promissor; na construção desse futuro, não atribui à religião um papel ativo, mas convoca a razão para isso (cap. 25, v. 50-51).

Em suma, ressoa ao longo do poema a ideia de que todos os seres humanos fazemos parte do mesmo grupo por um imperativo biológico; esse grupo continua em uma infância milenar no que se refere a sua organização para o compartilhamento dos recursos que permita a todas as pessoas usufruir de uma vida digna e produtiva, tanto no sentido pessoal como no coletivo, mas há a esperança de que, com o uso da razão e após um longo longo tempo, tal organização venha a se concretizar. Longuíssimo, na verdade: *nek vi nek mi ĝisvivos la maturiĝon: /necesas jarmiliono* (cap. 21, v. 90-91, Auld, 2009, p. 74), “nem tu nem eu viveremos até a maturação: / é necessário um milhão de anos” (Auld, 1992, p. 135).

2.5 *La infana raso, A raça menina*: temas mobilizados

O mote do livro é a infância dessa “raça menina”, conforme apresentado no item anterior, e que pode ser resumido pelos seguintes três pontos:

- a) unidade da humanidade;
- b) estado infantil da humanidade;
- c) esperança de um desenvolvimento harmonioso.

Evidentemente, a vida humana, o convívio social e a administração dos recursos da terra, do capital e do trabalho formam um quadro intrincado, envolvendo aspectos culturais, sociais, econômicos, de concepção do mundo, que são como os ramos imbricados em torno do tronco, emaranhados ainda mais quando consideramos a dimensão privada, íntima, os aspectos psicológicos e a subjetividade. Dessa forma, são diversos os temas mobilizados por William Auld em *La infana raso*, que reunimos na lista abaixo, a qual não pretende ser completa nem definitiva. Geralmente um capítulo engloba alguns desses assuntos e, por outro lado, o mesmo assunto pode se fazer presente em diferentes capítulos.

- a) solidão da vida humana;
- b) a criação de um mundo próprio na mente de cada pessoa;
- c) impossibilidade de apreender a vida de outra pessoa;
- d) cegueira, falta de visão, diante das ações e das coisas do mundo;
- e) pequenez do cérebro, no começo da evolução e agora;
- f) tabus, repressão;
- g) *rigor vitae* (por comparação com a expressão latina *rigor mortis*);
- h) falta de sentido da vida, do trabalho;
- i) os fins do ser humano;
- j) momentaneidade, curta duração de impressões e memórias;
- k) maturação, evolução

- l) cor da pele;
- m) o instante muda tudo;
- n) esperanto; Zamenhof;
- o) esperanto: “as 16 licenças”⁴⁷;
- p) distorção da linguagem, enganação, mentira;
- q) palavras que camuflam os sentidos;
- r) manutenção da mesma estrutura social desde antes de Sargão I;
- s) religião, autoridade;
- t) intolerância, censura;
- u) sexo, erotismo;
- v) oriente ≠ ocidente;
- w) guerra;
- x) o tempo é uma ilusão;
- y) ciência;
- z) a natureza das conclusões científicas.

Essa profusão de temas colocados em diálogo e, ao mesmo tempo, a presença de variados estilos e o uso de diversas técnicas de composição dos poemas compõem o mosaico de *La infana raso*. Entendemos que essa tenha sido a escolha de Auld para refletir a complexidade do mundo sob diferentes perspectivas. Nesse sentido, tal escolha foi não somente adequada, mas se tornou necessária.

2.6 *La infana raso, A raça menina: forma e conteúdo*

Nos excertos mostrados no item 2.4, amostras dos capítulos inicial, de um intermediário (9) e do final, percebem-se três estilos diferentes: o poema de abertura de *La infana raso* obedece a um esquema de rimas emparelhadas, no capítulo 9 tem-se a colagem de textos diversos — o próprio Auld indica a fonte do primeiro trecho, de 14 versos; trata-se de citação de *Comparative religion*, de A. C. Buke (1950) —, e no capítulo de encerramento há um parêntese com versos mais curtos e contendo versos soltos.

Apresentamos a seguir os versos iniciais e finais do capítulo 4, uma pérola que se notabiliza pelas distorções; nas palavras de Auld – lembremo-nos: ex-piloto de guerra –, espelha “*la fiecon de la politiko kaj la senmoralcon de la milito. La dusencecon, la eŭfemismadon, la rektan trompadon kaj intencan malprecizecon de politika kaj militista lingvaĵo — uzitan por trompi la popolon kaj vesti abomenaĵojn per aŭreolo de moraleco kaj praveco*”⁴⁸ (Auld, 2009, p. 90-91). Na versão em português, Leopoldo Knoedt conseguiu com maestria produzir os efeitos presentes no texto de Auld, por vezes recorrendo à introdução de distorções e jogos de palavras em pontos diferentes do poema. Tem-se *gonoraloj* / “gonorrais” como

⁴⁷ O iniciador do esperanto, L. L. Zamenhof, no *Primeiro Livro* (1887) apresentou dezesseis regras básicas, repetidas no *Fundamento de Esperanto* (“Fundamento do Esperanto”), livro basilar, cujo texto foi aprovado no Primeiro Congresso Mundial de Esperanto, em 1905 — é importante salientar que a gramática do esperanto não se resume, e nem poderia se resumir, a dezesseis regras, como por vezes é dito —, que ele chama no capítulo 18 de *dek ses permesaĵoj* (“dezesseis licenças”), e explica da seguinte forma em suas notas: “laŭ mia scio, Reto Rossetti estas la unua, kiu atentigis pri la graveco de tio, ke la dek ses zamenhofaj reguloj de la Fundamento *nenion malpermesas*” (Auld, 2009, p. 105) (“pelo que sei, Renato Rossetti foi o primeiro que chamou a atenção para a importância do fato de que as dezesseis regras de Zamenhof no ‘Fundamento [do Esperanto]’ *nada proíbem*”).

⁴⁸ “A vilania da política e a imoralidade da guerra. A ambiguidade, os eufemismos, a enganação direta e a imprecisão intencional da linguagem política e militar — usada para enganar o povo e vestir abominações com uma auréola de moralidade e justiça”.

deturpação de *generaloj*/"gerais", incluindo alusão a doença venérea; *fraponoj* vem de *frapi* ("bater"), lembrando *friponoj* ("canalhas"), em português, a solução de Knoedt foi "velhacões" (velhacos + cães)⁴⁹.

IV (versos 1-4, 24-27)

*Laŭ gonoraloj, la milit' necesas –
nu, kunpremeble, ĉar per ĝi inspezas
tiaj fraponoj, kaj hakiras gloron;
dum ve kaj mi ekiras nur doloron,
[...]
La pravon pruvi provas kriterioj:
la haŭtkoloro, lingvoj, religioj
estas ŝafiĉe ovidentaj signoj;
kiuj nin malsamilas estas stigmatoj.*

(Auld, 2009, p. 21.)

IV (versos 1-4, 24-27)

Segundo os gonorrreais, é necessária –
a guerra; é claro: aumento de diária
para esses velhacões. E glória e fama.
E sobre mim e ti a dor derrama.
[...]
Dão a critérios foros de verdade:
a pele, a língua, a crença – grã-trindade
de marcas ovidentes, fededignas:
os de nós diferentes, têm estigmas.

(Auld, 1992, p. 31.)

No capítulo 2, há uma forte crítica à religião como fonte de intolerância, de domínio e como geradora de tabus e preconceitos. Em termos formais, são dezessete estrofes de quatro versos, nos quais rimam o primeiro, o segundo e o quarto verso (com exceção da 16ª estrofe, em que os quatro têm a mesma rima).

II (versos 1-8)

*Kiom koncernas Dion religio?
Nia kompren' sumiĝas je ... nenio:
konjektas oni, kaj por sia solvo
pretendas pravon de perfekta scio.*

*Humilon vi predikas kun ... fiero.
Nepenetrebla estas di-mistero;
sed vi penetris ĝin, ĉar vi certegas:
misvoja estas aliula klero.*

[...]

(Auld, 2009, p. 16.)

II (versos 1-8)

Será que a religião a Deus vincula?
A nossa compreensão é quase nula.
O homem conjectura e prontamente
o dono da verdade se intitula.

Pregamos humildade... com império
Deus é impenetrável, é mistério;
mas penetramo-lo e afirmamos certos:
a ciência alheia é puro despautério.

[...]

(Auld, 1992, p. 21.)

Outro recurso empregado pelo autor são os elementos gráficos, como a representação da face humana (cap. 8), que destacamos abaixo, e o poema concreto (cap. 23, Fig. 1), o "ciclo ecológico". E o momento *carpe diem* vem como um tributo aos clássicos: uma tradução do poema *Copa*, atribuído a Virgílio (cap. 19).

⁴⁹ Obs.: julgamos oportuno comentar ainda uma palavra que não está distorcida, mas que ganha importância por ser o fechamento deste poema. Trata-se de *stigmatoj*/"estigmas"; entendemo-la em sua acepção na botânica: ainda que nos tentem impor cor da pele, religião ou língua como elementos que nos distingam, somos seres humanos iguais em essência; o que torna uma pessoa diferente da outra são somente pequenos detalhes, como os estigmas das plantas.

VIII (versos 21-22)

[...]

blindo blindo
mensogoj

[...]

(Auld, 2009, p. 30.)

VIII (versos 21-22)

[...]

cegueira cegueira
mentiras

[...]

(Auld, 1992, p. 51.)

XXIII

ĜERMO
TRITIKO
FARUNO ĜERMO
PANO TRITIKO
EKSKREMENTO FARUNO ĜERMO
STERKO PANO TRITIKO
ĜERMO EKSKREMENTO FARUNO ĜERMO
TRITIKO STERKO PANO TRITIKO
FARUNO ĜERMO EKSKREMENTO FARUNO ĜERMO
PANO TRITIKO STERKO PANO TRITIKO
FARUNO ĜERMO EKSKREMENTO FARUNO
TRITIKO STERKO PANO
FARUNO ĜERMO EKSKREMENTO
TRITIKO STERKO
ĜERMO

(Auld, 2009, p. 79.)

XXIII

GERME
TRIGO
FARINHA GERME
PÃO TRIGO
FEZES FARINHA GERME
ADUBO PÃO TRIGO
GERME FEZES FARINHA GERME
TRIGO ADUBO PÃO TRIGO
FARINHA GERME FEZES FARINHA GERME
PÃO TRIGO ADUBO PÃO TRIGO
FARINHA GERME FEZES FARINHA
TRIGO ADUBO PÃO
FARINHA GERME FEZES
TRIGO ADUBO
GERME

(Auld, 1992, p. 145.)

Dentre os temas enumerados no item anterior, alguns se repetem com maior frequência. É o caso da religião, muitas vezes ligada com intolerância, autoridade eclesial, criação de tabus, resistência ao progresso das ideias e hipocrisia. Sobre estes dois tópicos, veja-se o fragmento do capítulo 16, que trazemos a seguir. O tabu sexual e a repressão são outro tema; o capítulo 5 é um poema erótico, no qual está mencionado o *celo/fim*, objetivo. Esse fim é a procriação, instigada pelo desejo sexual; é a continuidade da espécie humana, é propiciar o surgimento de mais um elo geracional. Essa continuidade se relaciona também à esperança de que no futuro a humanidade chegará à adolescência e à maturidade – de fato, a continuidade é necessária para que esse dia chegue.

Também se faz ouvir a voz do esperantista William Auld. Nas notas ao capítulo 18, ele escreve: “*Se oni bezonas ankoraŭ pruvon pri la infaneco de la raso, oni pripensu nur la sintenon de la raso al la internacia lingvo... Tiu ĉi ĉapitro pritraktas Zamenhof kaj Esperanton*”⁵⁰ (Auld, 2009, p. 104). Sua crença na razão como base para o desenvolvimento de novas relações no planeta implica o reconhecimento e o uso do esperanto; no mesmo poema, no entanto, ele não se mostra um *finvenkista*, ou seja, adepto da ideia da *finavenko*/“vitória final” do esperanto, o idealismo que animou o movimento esperantista nas décadas iniciais; de certa forma, Auld antecipa em 24 anos o surgimento do *raŭmismo*, outra tendência norteadora do

⁵⁰ “Se se fizer necessária ainda de uma prova da infância da raça, considere-se somente a postura da raça perante a língua internacional... Este capítulo trata de Zamenhof e do esperanto.”

movimento esperantista, surgido no movimento da juventude, e que, entre outros pontos, pregava a despreocupação com a luta por um futuro distante de triunfo para o esperanto, enfatizando as conquistas concretas da língua e da comunidade nas décadas anteriores, e focando na prática da língua no momento presente. No capítulo 17, há um jogo de palavras: o eu lírico se refere ao esperanto como *ardefarita lingvo*, o que significa “língua feita com ardor”, o que Leopoldo Knoedt traduziu como “ardefata”. Ocorre que Zamenhof se referia ao esperanto como *artefarita lingvo* – o termo “artefarita” significa artificial, porém em esperanto está transparente o sentido etimológico de “feito com arte/técnica”, que já não é mais evidente em português, sendo a razão por que os esperantistas preferimos a denominação “língua planejada”, conforme apontado no item 1.2 e na nota 27.

XVI (versos 9-13)

[...]
*Sur la foira placo oni frakasis
la kapon al herezulo kiu ne kredis
la teron plata.
La pastroj tion aprobis,
sciante mem, ke tamen la tero sferas.*
[...]

(Auld, 2009, p. 58.)

XVI (versos 9-13)

[...]
Na praça do mercado esmagaram
a cabeça do herético que não acreditava
ser a Terra plana.
Os sacerdotes tudo aprovaram,
sabendo, contudo, que a Terra é redonda.
[...]

(Auld, 1992, p. 99.)

V (versos 1-3)

*akceptu min en vian liton
la celon ni plenumos*

la celo nin konsumos
[...]

(Auld, 2009, p. 22.)

V (versos 1-3)

recebe-me no leito
os fins cumpramos do homem

os fins que nos consomem
[...]

(Auld, 1992, p. 33.)

XVIII (versos 41-48)

[...]
*Kio naskiĝis en la familioj,
en milionaj tribaj komunumoj,
kaj kunfandiĝas trans periferioj
kreskantaj pro produktoj kaj konsumoj,
atingos unuecon. Malaperos
neniam nia orfa idiomo
(ĉu jes aŭ ne la mondon ĝi konkeros)
dum volas kompreniĝi hom' kun homo.*
[...]

(Auld, 2009, p. 63.)

XVIII (versos 41-48)

[...]
O que em família certa vez gerou-se,
em incontáveis tribos, e em fusão,
periféricamente aglomerou-se
com o crescer consumo-produção,
será um único. O órfão Esperanto
nunca mais deixará de ser vivente
(se conquistar o mundo ou não) enquanto
gente ansiar por se entender com gente.
[...]

(Auld, 1992, p. 111,113.)

XVII (versos 9-12)

[...]

*Vi revis pri mi, la revon mi ne plenumis:
anstataŭ tio, mi sidas tajpante versojn
en nekonata ardefarita lingvo
pardonu min.*

[...]

(Auld, 1992, p. 104.)

XVII (versos 9-12)

[...]

Teceste sonhos para mim, os sonhos não realizei:
em vez deles, aqui estou fazendo versos
em uma língua desconhecida, ardefata,
perdoa-me.

[...]

(Auld, 1992, p. 105.)

Comentário final

La infana raso, como já anuncia seu nome, está centrada na humanidade, com seus erros e acertos, suas alegrias e desventuras, enfoca essa espécie neta de seres com brânquias que domina o planeta e que atingiu um altíssimo grau de desenvolvimento científico e tecnológico, tendo mesmo enviado representantes para fora desse planeta, perscruta o sistema solar, e para além dele. Justamente todo esse processo é que a torna heroica: o ser humano, graças a sua inteligência e à aplicação dela, venceu adversidades e ameaças, mas ainda tem muito a aprender – principalmente, como já se havia percebido na Grécia Antiga, sobre si mesmo –, e, como mostra o poema, traz em si grande potencial autodestrutivo. A humanidade constituiu-se no século 20 e, com muito mais razão, no século 21, na maior ameaça contra si mesma, podendo se aniquilar num piscar de olhos. O heroísmo em *La infana raso* está diluído em todos os seres humanos que foram, são e serão, mas é um heroísmo potencial: somente se concretizará de fato quando e se a humanidade atingir a adolescência e a maturidade. Com um heroísmo em processo e diluído, também não se localiza um território: o espaço dessa heroína coletiva / desse herói coletivo pode ser qualquer lugar onde colocar o pé, ou a mente, na Terra ou fora dela; sendo qualquer lugar, pode ser todo o espaço, portanto nenhum lugar. E, para esboçar o espaço aterritorial, William Auld com agudez e maestria empregou a língua à qual, segundo ele, dedicou tudo o que possuía e a cuja literatura se propôs enriquecer, a língua planejada aterritorial não étnica esperanto.

Agradecimento

Os autores agradecem a Rita Mara Netto de Moraes pela paciente, atenta e criteriosa leitura deste texto, bem como pelas sugestões apresentadas.

Referências

AULD, William. **La infana raso / A raça menina**. Tradução: Leopoldo H. [Henrique] Knoedt. Chapecó: Fonto, 1992. Edição bilíngue.

AULD, William. **La infana raso**: William Auld verkis kaj deklamas [“A raça menina: William Auld escreveu e declama”]. La Chaux-de-Fonds: LF-Koop, 2007. Disponível em:

https://youtu.be/pNiUCLS_AKQ?si=9KRAFRGe9ql6LzNh e <https://youtu.be/z34K0nkby-I?si=ED5TTKBM0x95cl2H>.

- AULD, William. **La infana raso** ["A raça menina"]. 5. eld. Chapecó: Fonto, 2009.
- BARANDOVSKÁ-FRANK, Věra. **Interlingvistiko**: enkonduko en la scienco pri planlingvoj ["Interlinguística: introdução ao estudo das línguas planejadas"]. Poznań: Universitato Adam Mickiewicz, 2020. Disponível em: http://interl.amu.edu.pl/interlingvistiko/Barandovska_Interlingvistiko_enkonduko.pdf. Acesso em: 26 maio 2021.
- BENCZIK, Vilmos. **Studoj pri la Esperanta Literaturo** ["Estudos sobre a literatura esperantista"]. Kameoka: La Kritikanto, 1980.
- CANDIDO, Antonio [Antonio Candido de Mello e Souza]. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. p. 171-193.
- COMENIO, Jan Amos. **Via Lucis - La via della luce**. Pisa: Edizioni del Cerro, 1992.
- DULIČENKO, Aleksandr. **En la serĉado de la mondlingvo aŭ interlingvistiko por ĉiuj** ["Na busca da língua mundial ou interlinguística para todos"]. Kaliningrado: Sezonoj, 2006. Serio Scio, 7.
- ECO, Umberto. **A busca da língua perfeita na cultura europeia**. Tradução: Antonio Angonese. São Paulo: Unesp, 2018.
- FRANCIS, John [Islay]. Antaŭparolo al la unua eldono ["Prefácio à primeira edição"]. In: AULD, William. **La infana raso** ["A raça menina"]. 5. eld. Chapecó: Fonto, 2009.
- GUBBINS, Paul (ed.). **Star in a night sky**: an anthology of Esperanto literature. London: Francis Boutle, 2012. (Lesser used languages of Europe series, 5.)
- KOUTNY, I. A typological description of Esperanto as a natural language. **Język – Komunikacja – Informacja – numer specjalny Interlingwistyka i Esperantologia**, Poznań, Wydawnictwo Rys, v. 10, 2015, p. 43-62. Disponível em: <http://jki.amu.edu.pl/?pl_2015-tom-x,14>. Acesso em 20 ago. 2020.
- LINS, Ulrich. **La danĝera lingvo**: studo pri la persekutoj kontraŭ Esperanto ["A língua perigosa: estudo sobre as perseguições contra o esperanto"]. Rotterdam: Universala Esperanto-Asocio, 2016.
- MINNAJA, Carlo; SILFER, Giorgio. **Historio de la esperanta literaturo** [História da literatura esperantista]. La Chaux-de-Fonds: Kooperativo de Literatura Foiro, 2015.
- PITA, Fernando; FIANS, Guilherme (orgs.). **O esperanto além da língua**. Porto Velho: Temática, 2017.
- PRIVAT, Edmond. Pri Esperanta literaturo ["Sobre a literatura em esperanto"]. In: PRIVAT, Edmond. **Junaĝa verkaro** ["Escritos da juventude"]. La Laguna: J. Régulo, 1960. (Stafeto; Beletraj Kajeroj, 6.) Disponível em: <http://www.autodidactproject.org/other/privat_literaturo.html>. Acesso: 17 fev. 2021.
- RÓNAI, Paulo. **Babel & Antibabel**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- SUTTON, Geoffrey. **Concise encyclopedia of the original literature of Esperanto 1887-2007**. New York: Mondial, 2008.
- WAQUET, Françoise. **Le latin ou l'empire d'un signe** (XVI^e-XX^e siècle). Paris: Albin Michel, 1998.